

Sessão 20

Filosofia 2

161

A TESE ARISTOTÉLICA QUE NÓS DELIBERAMOS SOMENTE SOBRE OS MEIOS E NUNCA SOBRE OS FINS. *Marta Haas, Balthazar Barbosa Filho (orient.) (UFRGS).*

Este trabalho tem como objetivo esclarecer a tese aristotélica que nós deliberamos somente sobre os meios e nunca sobre os fins. Esta tese parece engendrar o seguinte problema: se a deliberação se restringe aos meios, parece que, uma vez que desejamos um fim, nos resta apenas buscar realizá-lo. Se não podemos escolher os fins em vista dos quais agimos, parece que estes fogem do escopo da razão. E, se resta apenas buscar os fins desejados, parece que não somos responsáveis por nossas ações. Para compreender essa tese, sem atribuir a Aristóteles um irracionalismo dos fins, é preciso levar em consideração que há uma convertibilidade entre fins e bens; e que existem diferentes tipos de fins: instrumentais, intrínsecos e absolutamente intrínsecos. É preciso ainda salientar que os predicados de fim e meio dizem respeito sempre a uma determinada situação. Assim, dizer que não deliberamos sobre os fins não significa dizer que algumas coisas jamais serão objeto de nossa deliberação, pois aquilo que em uma situação cumpre a função de fim em vista do qual deliberamos, em outra situação pode ser tomado como meio. Essa restrição da deliberação aos meios é, antes, uma exigência lógica: a deliberação é uma espécie de investigação e, como toda investigação, requer um princípio, um ponto de partida. Tomamos como ponto de partida aquilo que desejamos. Uma vez posto o fim, avaliamos as razões e os meios possíveis para buscá-lo. É em vista do fim que a deliberação inicia e é em virtude dele que acabamos escolhendo (ou não) determinados meios. Devemos ressaltar que o desejo é, assim, guiado pela razão. O agente escolhe com base no resultado da sua deliberação, havendo uma avaliação do próprio desejo - o que pode fazer com que ele desista de um desejo que funcionou como princípio da deliberação, se este não for razoável. (PIBIC).